



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Fundamentos do Serviço Social: Formação Profissional do/a Assistente Social

Serviço Social e pensamento pós-moderno: considerações necessárias

Lorena Ferreira Portes¹
Everton Yukita²
Flávia Lopes de Moraes³

Resumo: O trabalho tem por finalidade sumariar as apreensões construídas por autores/as da área do Serviço Social sobre as implicações do pensamento pós-moderno no debate do Serviço Social. Como parte constitutiva de uma pesquisa bibliográfica mais ampla, apresenta as sínteses a partir do levantamento da produção do conhecimento nos periódicos da área. O trabalho expõe que o objeto de crítica do pensamento pós-moderno é a Modernidade, no contexto da fase tardia do desenvolvimento capitalista. Aponta elementos de crítica da aproximação da profissão com tal pensamento, pois ameaça a direção social hegemônica e nega a totalidade na interpretação do real e da profissão.

Palavras-chave: Serviço Social; pensamento pós-moderno; capitalismo tardio; totalidade; conservadorismo.

Abstract: This work aims to summarize the understandings constructed by authors in the field of Social Work regarding the implications of postmodern thought in the debate within Social Work. As a constituent part of a broader bibliographic research, it presents syntheses based on a survey of knowledge production in journals in the field. The work shows that the object of critique in postmodern thought is Modernity, within the context of the late phase of capitalist development. It points to elements of critique in the profession's approximation to such thought, as it threatens the hegemonic social direction and negates totality in the interpretation of reality and the profession.

Keywords: Social Work; postmodern thought; late capitalism; totality; conservatism

1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado tem como tema de investigação a aproximação do Serviço Social brasileiro com o pensamento pós-moderno⁴. Fruto dos estudos realizados por um projeto de

¹ Professora Associada do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL - PR), Doutora em Serviço Social e Política Social (UEL-PR), lorenafportes@gmail.com.

² Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (PPGSR - UEL), yukita.everton@gmail.com.

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (PPGSR-UEL), flavialopes.social@gmail.com.

⁴ Escolhemos o termo pensamento pós-moderno por entender que o mesmo é capaz de fazer referência tanto ao



pesquisa de uma universidade pública do estado paranaense, o trabalho analisa a produção do conhecimento da área do Serviço Social com a finalidade de analisar as formas pelas quais os/as profissionais de Serviço Social vêm apreendendo, interpretando e mobilizando o debate acerca do pensamento pós-moderno e sua influência no Serviço Social brasileiro.

O interesse por tal recorte está ancorado na preocupação teórico-política apontada inicialmente por Netto em 1996. O autor, reforçou nesse texto clássico, que em pouco tempo (nos próximos quatro ou cinco anos) o debate mais determinante no campo do Serviço Social seria travado em torno da direção social estratégica que foi afirmada na transição dos anos oitenta aos noventa do século passado. Assim, enfatiza o autor: “o que estará no centro da polêmica será a seguinte questão: manter, consolidar e aprofundar a atual direção social estratégica ou contê-la, modificá-la e revertê-la” (Netto, 1996, p. 117). Nesse sentido, Netto apresenta uma prospecção sobre cinco vertentes teórico-profissionais que estariam presentes no debate do Serviço Social brasileiro. Dentre elas, destacamos o que o autor chamou de vertente neoconservadora que estaria “inspirada fortemente na epistemologia pós-moderna, afinada com as tendências da moda das chamadas ciências sociais e tende seu gume crítico apontado para a revisão dos substratos das conquistas anticonservadoras dos anos oitenta” (Netto, 1996, p. 127). Posteriormente aos debates do autor, outros/as pesquisadores/as deram continuidade à problematização iniciada por Netto, como Santos, Silva, Simionatto, para destacar alguns.

A partir disso, passamos a nos envolver, enquanto pesquisadoras e pesquisadores sobre os Fundamentos do Serviço Social, no estudo sobre a interlocução do Serviço Social - no campo da produção do conhecimento-, com o que estamos chamando de pensamento pós-moderno. Um dos momentos da pesquisa atual é, a partir de uma pesquisa bibliográfica, levantar os elementos unificadores das críticas elaboradas pelos/as autores/as que se debruçaram a problematizar premissas pós-modernas e suas repercussões no debate profissional. Assim, partindo de uma das fases constitutivas da pesquisa bibliográfica, selecionamos os artigos publicados em periódicos da área classificados com *Qualis* A1 e A2 (Quadriênio 2017-2020) disponibilizados no formato *online* até 2025.⁵ Os descritores utilizados para o levantamento foram: pós-modernidade, pós-modernismo, pensamento pós-moderno, fundamentos do Serviço Social e pós-modernidade, pós-modernidade e conservadorismo.

A partir do levantamento realizado nos portais dos periódicos (*disponibilizados online*) identificamos treze (13) artigos. Considerando o critério de selecionar artigos que abordassem de forma mais enfática o tema da pesquisa, identificamos doze (12) artigos. Importante registrar que a Revista Temporalis (jan/jun de 2016) teve uma edição especial para tratar da temática da

momento histórico de emersão da pós-modernidade (crítica e renúncia à modernidade), quanto ao movimento cultural que foi oriundo do pós-modernismo nas artes, arquitetura, pintura, música, literatura e outras áreas como respostas ao modernismo.

⁵ Os periódicos analisados foram: Revista Argumentum (UFES), Revista de Políticas Públicas (UFMA), Revista O Social em Questão (PUC-RJ), Revista Textos & Contextos (PUC-RS), Revista Serviço Social & Sociedade (Editora Cortez), Revista Katálýsis (UFSC), Revista em Pauta (UERJ), Revista Emancipação (UEPG), Revista Ser Social (UNB), Revista Serviço Social em Revista (UEL), Revista Sociedade em Debate (UCPel) e Revista Temporalis (ABEPSS).



formação profissional e na edição n. 32 de jul/dez de 2016 o tema da publicação foi Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional. Assim, na edição de 2016 encontramos cinco (5) artigos que abordavam a discussão sobre o pensamento pós-moderno e o Serviço Social. Em edições posteriores da Revista Temporalis (2018 e 2022) encontramos mais três (3) artigos, um (1) em 2024 (jul/dez) e outro em 2025 (jan/jun), totalizando 10 artigos dos 12 selecionados. Na Revista Serviço Social em Revista (UEL) identificamos um (1) artigo na edição de jan/jun de 2022 e na Revista Ser Social (UNB) encontramos um (1) artigo publicado em 2024. Dos doze (12) artigos levantados, realizamos uma leitura cuidadosa para selecionar, em um segundo momento, os textos que discutem, com mais elementos argumentativos, a relação entre Serviço Social e pensamento pós-moderno. Assim, destacamos os textos de Silveira Junior (2016), Cleomar Fonseca (2016), Cantalice (2016), Araújo e Marinho (2016), Silva e Oliveira (2018), Lima (2022), Alves (2015) e Nascimento (2025).

Não faremos uma exposição dos detalhes dos textos, mas recortamos os elementos convergentes dos/as autores/as sobre dois aspectos. Assim, o trabalho está organizado em dois momentos: 1) exposição sobre o objeto de crítica do pensamento pós-moderno e contexto de emersão; 2) apontamentos sobre a interlocução do Serviço Social com o pensamento pós-moderno.

2. SOBRE A PÓS-MODERNIDADE: OBJETO DE CRÍTICA E CONTEXTO DE EMERSÃO

Importa destacar que a análise ora desenvolvida evidencia, com considerável consenso na literatura, que o pensamento pós-moderno não constitui um corpo teórico unitário ou coeso, mas, antes de tudo, um conjunto heterogêneo de perspectivas, abordagens e inflexões conceituais. Essa heterogeneidade configura-se como um elemento de complexificação da pesquisa, na medida em que impõe ao pesquisador o desafio de apreender criticamente a considerável gama de expressões desse pensamento, sem incorrer em generalizações simplificadoras e reducionistas.

Visando evidenciar os elementos convergentes sobre o contexto de emersão e o objeto de crítica do pensamento pós-moderno nos textos selecionados, apresentaremos as sínteses analíticas. Os textos que apresentam estes elementos são de Silveira Junior (2016), Fonseca (2016) Cantalice (2016), Silva e Oliveira (2016), publicados na Revista Temporalis, sendo os dois primeiros na edição do primeiro semestre e o segundo e terceiro na edição do segundo. Alves (2024) e Nascimento (2025) também pontuam os elementos elencados.

Silveira Junior (2016) explicita que o pensamento pós-moderno se constitui, fundamentalmente, como uma crítica à modernidade — ou, mais precisamente, à razão moderna. Para o autor, a renúncia ao programa sociocultural da modernidade, tal como formulado no âmbito da Ilustração, constitui um dos traços distintivos fundamentais do pensamento pós-moderno. Esse programa, agora objeto de crítica e rejeição pelo pensamento pós-moderno, assentava-se na defesa intransigente do conhecimento racional e científico do



mundo tal como ele é, isto é, na afirmação da capacidade humana de apreender a realidade objetiva por meio da razão. Tratava-se de um projeto histórico que vinculava o desenvolvimento do conhecimento à possibilidade de racionalizar o intercâmbio entre sociedade e natureza, bem como de organizar racionalmente a vida social, tendo em vista a ampliação da liberdade e a emancipação do gênero humano.

Nesse horizonte, a ideia de liberdade e emancipação humana ocupavam um lugar central, não como simples acumulação linear de avanços técnicos, mas como expressão da potencialidade histórica de superação das formas sociais marcadas pela dominação e pela exploração. A modernidade, em sua vertente crítica, concebia a razão como mediação indispensável para a compreensão da essência da realidade social e para a construção consciente de projetos societários orientados à emancipação humana.

O pensamento pós-moderno, diz o autor, ao renunciar a esse programa, passa a questionar a própria possibilidade de um conhecimento objetivo e universalizante da realidade, colocando sob suspeita a racionalidade científico-crítica e os metarrelatos que sustentaram os projetos emancipatórios da modernidade. Tal deslocamento implica a rejeição da ideia de concepção histórica e a dissolução da noção de totalidade, abrindo espaço para a valorização do fragmento, da contingência e da imediatez.

Nesse sentido, contribui o texto de Fonseca (2016a), que aponta as causas aparentes dessa renúncia. A autora aponta que de um lado, o capitalismo em sua crise estrutural, desencadeada desde a década de 1970, teve que se reconfigurar trazendo “novos mecanismos de acumulação representados por fenômenos como a globalização e a regionalização dos mercados, com a flexibilização da economia, implicando numa reconfiguração também do papel do estado com relação a sociedade civil” (Fonseca, 2016a, p. 192). A autora argumenta que é nesse contexto que a lógica do capitalismo destrutivo demonstra suas consequências gravíssimas como

[...] a destruição e/ou precarização da força de trabalho e a degradação crescente do meio ambiente, que envolve a relação homem, tecnologia e natureza, conduzida pela lógica voltada, prioritariamente, para a produção de mercadorias e valorização do capital (Fonseca, 2016, p. 192)

De outro lado, a autora aponta a falência do conhecido “socialismo real” que gerou impactos profundos sobre o desenvolvimento do movimento das esquerdas e dos trabalhadores.

No texto de Cantalice (2016), encontram-se os apontamentos mais substantivos sobre o contexto econômico que possibilitou que o pensamento pós-moderno encontre solo fértil para seu espalhamento. A autora é enfática ao afirmar que a ideologia pós-moderna é atravessada por um conjunto de mediações sócio-históricas, uma vez que é necessário compreender o contexto das transformações societárias processadas nas três últimas décadas do século XX que sedimentaram uma nova fase capitalista. Essas modificações ocorrem simultaneamente à disseminação de formas culturais pós-modernas. Tendo por referência, Netto, Harvey e Mandel, Cantalice contesta que não há o surgimento de uma sociedade pós-moderna e sim ideais pós-modernos que agem e se articulam com as leis fundamentais do capital. Situa as transformações



societárias do decênio de 1970 que desdobram-se nos anos gloriosos e posterior crise do capital e enfatiza que o capital buscou, historicamente, mecanismos de reprodução social e estratégias de saída dos momentos de crise. Dessa forma, incorporando novas medidas econômicas e constituindo novos mecanismos de regulação e de construção do consenso entre as classes, objetivando manter sua hegemonia como a única possibilidade histórica. Assim, articulam-se novas mediações sociopolíticas na ordem de hábitos, práticas políticas e formas culturais; têm-se as condições favoráveis para a cultura pós-moderna que se apresenta como uma expressão das alterações objetivas operadas no modo de produção capitalista no contexto em questão, colocando-se como funcional à reprodução do capital.

O texto produzido por Silva e Oliveira (2018) reforça as transformações societárias a partir da década de 1970 e busca em Harvey as explicações destas transformações significativas no âmbito temporal e espacial que põe os movimentos e os princípios norteadores da cultura em xeque pelo avanço do pensamento pós-moderno, duvidando dos postulados, juízos científicos e morais regidos por princípios e valores éticos das metanarrativas na era moderna. Diante dessa perspectiva, as autoras afirmam que prevalece o espírito efêmero e uma individualidade que alimentava a fragmentação e o estímulo a práticas culturais autônomas em detrimento de discursos sobre verdades construídas historicamente. Com isso, o movimento pós-modernista nos remete a um lugar de instabilidade e insegurança, colocando-nos no meio da desordem das ideias concretas, sem visões delimitadas, construído essencialmente através de interpretações da subjetividade humana.

Nessa direção, Alves (2024) concebe a pós-modernidade como um campo teórico atravessado por ambiguidades, no qual os sentidos se dispersam mais do que se se organizam. Compreendida como produto histórico, engendrada no interior das transformações societárias no contexto de crise do capitalismo, configura-se, em última instância, como a “lógica cultural do capitalismo em sua face mais exacerbada” (Alves, 2024, p. 441), ao passo que se infiltra silenciosamente no cotidiano, reconfigura os modos de vida e incide de forma profunda sobre a produção do conhecimento. Dessa forma, a autora recorre à expressão “ideologia pós-moderna” para designar esse conjunto de transformações conduzidas pela ordem dominante do capital, orientadas à sua manutenção, reprodução e renovação hegemônica, possibilitando compreendê-la enquanto uma ideologia de caráter conservador, funcional à manutenção da dominação da classe burguesa.

As reflexões de Nascimento (2025), por sua vez, também inscrevem-se no âmbito das transformações societárias do capitalismo contemporâneo, em um contexto de hegemonia neoliberal marcado pelo aprofundamento das desigualdades sociais, pela crise das organizações coletivas da classe trabalhadora e pela reconfiguração das lutas sociais. Nesse cenário, a autora ancora suas análises no debate sobre o identitarismo, compreendendo-o sob a influência do que denomina de “cultura pós-moderna”. Parte-se do entendimento de que a pós-modernidade constitui a cultura e a ideologia do capitalismo tardio sob hegemonia neoliberal e de que o identitarismo, por sua vez, é gestado por essa cultura no plano ideológico e subjetivo



(Nascimento, 2025, p. 296). Em suas análises, o pensamento pós-moderno emerge como um solo ideológico fértil para o desenvolvimento do identitarismo, a partir de pressupostos criticamente desvelados, tais como a fragmentação, o relativismo, a recusa da totalidade, a centralidade da experiência individual, descredibilidade das “metanarrativas”, negação em relação às categorias universais e exclusão da relação entre a luta de classe e o capitalismo, favorecendo a reificação e a alienação, subsumindo os interesses de classe por aspirações individuais.

Em síntese, as convergências apontadas até o momento permitem compreender o pensamento pós-moderno como um fenômeno historicamente inscrito nas transformações do capitalismo em contexto de crise. Ainda que os termos “ideário”, “ideologia”, “cultura” “pensamento” ou “racionalidade” associados aos termos “pós-moderno”, “pós-modernidade” e/ou ao “pós-modernismo” nem sempre apareçam de forma sistematizada ou rigorosamente conceituadas, seus pressupostos se fazem presentes de modo recorrente. Características como fragmentação, individualização, relativismo, centralidade do particular e desconfiança em relação a projetos coletivos são frequentemente mobilizadas, contribuindo para a absolutização do imediato e do singular e para o enfraquecimento da constituição de sujeitos históricos coletivos. Dessa forma, torna-se premente a necessidade de um diálogo entre o pensamento pós-moderno e as suas aproximações com o Serviço Social, a partir dos autores referenciados.

Sumariadas as ideias contidas nos textos estudados sobre o objeto de crítica e contexto de emergência da pós-modernidade, passamos a expor o conteúdo expresso nos textos sobre o Serviço Social e a pós-modernidade.

3. PÓS-MODERNIDADE E SERVIÇO SOCIAL: APREENSÕES NECESSÁRIAS

Até aqui, procuramos sistematizar, mesmo que de maneira muito breve e sumária, como os textos examinados abordam o pensamento pós-moderno; agora pretende-se examinar a relação desses elementos configuradores desse pensamento e o serviço social.

No tocante à relação entre o pensamento pós-moderno e o Serviço Social, conforme discutida nos textos ora sintetizados, fazem-se necessárias algumas ponderações. As distintas abordagens adotadas pelos autores decorrem das especificidades de seus objetos de investigação, o que resulta em tratamentos analíticos diferenciados da problemática. Assim, Silveira Júnior (2016) aborda a relação em um nível mais abrangente, ao passo que Araújo e Marinho, bem como Fonseca, direcionam suas análises ao campo específico da formação em Serviço Social. Esse ponto, todavia, não impossibilita uma análise mais abrangente de nossa parte.

Mesmo com caminhos analíticos diversos, uma análise saturada nos escritos é a relação da pós-modernidade com o conteúdo teórico-metodológico adotado pelo serviço social no movimento de ruptura (localizado na década de 1980 e hegemônico a partir da década de 1990), e em específico o Projeto Ético-Político profissional em disputa contra o conservadorismo.



Conforme Fonseca, nesse momento histórico profissional, o serviço social [...] “assume uma direção social que aponta para a emancipação humana, horizonte que está na raiz da modernidade e que só é possível de ser vislumbrado fora dos marcos da sociedade burguesa” (Fonseca, 2016, p. 204).

Silveira Junior (2016) endossa essa perspectiva e argumenta que a conexão do pensamento pós-moderno e o serviço social geram “pontos de atrito” entre as tendências pós-modernas e o horizonte teórico-metodológico e técnico operativo dados pelo Projeto Ético-Político. Silveira Júnior apresenta a preocupação com a infiltração do pensamento pós-moderno nas instâncias interventivas, políticas e científicas do Serviço Social, uma vez que essa infiltração “tende a estorvar o movimento imbuído no rompimento com as orientações nucleares da teoria e ação conservadoras, para o qual segmentos importantes da categoria têm dedicado sua luta corporativa e sociopolítica. Essa aproximação implicaria em um empobrecimento ético-político da prática profissional vinculada ao projeto profissional e, por outro lado, afetaria o aprofundamento da legitimidade da profissão junto às lutas das classes subalterna que acaba por ficar comprometida se permanece aprisionada às premissas teórico-conceituais pós-modernas. Pontua Silveira Júnior (2016, p. 181) que “os postulados pós-modernos têm, primordialmente, fornecido o combustível, não para subsidiar – como requisita o projeto ético-político – o protagonismo e a auto-organização dos subalternos, mas para corroborar as estratégias de hegemonia restauradora em face da crise, endossadas pela superestrutura da reação burguesa que parametram as políticas sociais”. Diante do exposto, o autor é categórico ao argumentar que “permanece como tarefa histórica candente e atual” a crítica ao pensamento pós-moderno, ainda mais urgente num cenário de aprofundamento da crise capitalista e avanço da agenda restauradora.

Silva e Oliveira (2018), colocam questões importantes que se dedicam a responder. Nos detemos a primeira questão: qual o impacto, hoje, do pós-modernismo no movimento ideológico, político e teórico no âmbito do projeto profissional do Serviço Social? Um aspecto que evidenciamos no texto é a correlação feita pelos autores sobre o neoconservadorismo e pensamento pós-moderno no que diz respeito ao descrédito da articulação e organização de movimento tradicionais relacionados à classe e que tem no trabalho o seu sustento. Os novos movimentos sociais, aderindo às perspectivas pós-modernas que corroboram para legitimar e ao mesmo tempo manter o sistema político-econômico vigente, deslizam à política de conciliação de classes. Alertam os autores que é preciso entender melhor o que de fato vem a ser o movimento das teorias pós-modernas, pois possuem como traço marcante e estruturador a necessidade de fragmentação, seja pelas classes sociais, movimentos sociais ou por qualquer organização da sociedade em prol de legitimação ética, moral ou identitária, o que deixa explícito que este se faz na máxima de que a verdade é que não existe verdade absoluta.

Sendo assim, a hipótese central é o não reconhecimento sócio-histórico das lutas coletivas travadas no campo dos projetos societários. Ao contrário, prima pela “fragmentação da luta coletiva da classe trabalhadora, seja no passado, seja no presente e/ou das que possam vir



a se constituir no futuro em seu sentido valorativo” (Silva e Oliveira, 2018, p. 74). E o que essa fragmentação promove? Um processo de “individualização das lutas, desarticulação das categorias sociais coletivas, fragmentando o processo organizativo de classes sociais na luta pela efetivação dos direitos sociais, de ampliação do acesso a bens e serviços e do exercício da cidadania” (Silva e Oliveira, 2018, p. 75). Concordamos com os autores, mas acrescentamos que as lutas classistas, abandonadas pelos pós-modernos, não têm como horizonte a emancipação política, reduzida no campo do estado, dos direitos e das políticas sociais, mas tem um horizonte revolucionário e transformador da práxis humano-social.

Ainda Araújo e Marinho (2016), recorrendo à Santos (2007), argumentam que o pós-modernismo formula sua crítica aos “avanços advindos com a aproximação à tradição marxista pelo Serviço Social” (Araújo; Marinho, 2016, p. 224) por duas vias principais:

[...] primeira consiste na revitalização do conservadorismo por meio da absorção sincrética do irracionalismo pós-moderno. A segunda, mais sutil, porém igualmente ordenada pelo histórico traço sincrético do Serviço Social, aparece junto aos segmentos da vertente marxista que, na década de 1990, apresentam uma apropriação epistemológica desta teoria social, uma vez que esse veio é uma das bases privilegiadas do pensamento pós-moderno (Santos, 2007, p. 85 apud Araújo; Marinho, 2016, p.224).

Nessa direção, os apontamentos trazidos pelos/as autores/as reforçam que a crítica pós-moderna ao marxismo é notória e se coloca de diferentes maneiras. Tal crítica não é privilégio das correntes e tendências pós-modernas, mas são reforçadas pelas mesmas.

A partir desse debate, podem-se identificar nos textos de Araújo e Marinho (2016) e Fonseca (2016), dois grandes eixos de crítica à tradição marxista no âmbito do Serviço Social brasileiro, na entrada dos anos de 1990, os quais não se apresentam como homogêneos, seja no que se refere aos seus pressupostos teóricos, seja quanto às suas implicações ético-políticas. A abordagem inaugural dessa problemática foi desenvolvida por José Paulo Netto (1996), no texto clássico publicado na Revista Serviço Social e Sociedade, n. 50, onde o autor identifica cinco vertentes teórico-profissionais que estariam presentes no debate da profissão. Uma das vertentes foi denominada por Netto como sendo neoconservadora, inspirada fortemente na epistemologia pós-moderna. Ao expor sobre tal vertente, o autor elucida as críticas endereçadas às correntes marxistas no campo profissional. Destaca duas formas principais: uma crítica à ortodoxia e uma crítica às lacunas.

Dos textos que estudamos, destacamos os dois já citados que abordam tal problemática, recuperando as análises de Netto. Explicam os/as autores/as que a crítica é apresentada por dois grupos/aspectos.

Nos explicam os/as autores/as que o primeiro grupo de críticas sustenta a existência de “lacunas estruturais na tradição marxista”, frequentemente associando-as a supostos limites explicativos, reducionismos ou insuficiências frente às transformações da sociabilidade capitalista. Essa posição, ao retirar a percepção crítico-dialético do lugar de referência teórico-metodológica, tende a incidir diretamente sobre a direção ético-política do projeto ético-político do Serviço Social. Nesse sentido, argumentam os autores que tal crítica opera como uma incursão que fragiliza o acúmulo histórico da profissão no enfrentamento ao conservadorismo,



colocando em xeque a base teórico-metodológica que sustenta sua orientação crítica e emancipatória.

O segundo grupo, por seu turno, reconhece a importância da tradição marxista e a hegemonia do Projeto Ético-Político (PEP), mas afirma a necessidade de sua complementação teórica. Diferentemente da primeira posição, não se trata aqui de uma desqualificação direta do PEP, mas da defesa de uma ampliação de seus referenciais, frequentemente ancorada na incorporação de matrizes teóricas externas ao marxismo. Tal posição teórica se apresenta como uma proposta de disputa por hegemonia no interior do próprio Projeto Ético-Político, tensionando seus fundamentos e redefinindo, em alguma medida, seus marcos teórico-metodológicos e ético-políticos.

Embora essas duas posições se diferenciem quanto ao grau de enfrentamento ao PEP, ambas produzem efeitos relevantes sobre a direção social da profissão. Em particular, a defesa da “complementação” teórica, quando descolada de uma análise crítica das determinações histórico-estruturais do capitalismo, pode operar como via indireta de diluição da crítica marxista, abrindo espaço para inflexões teóricas compatíveis com perspectivas conservadoras ou pós-modernas. Desse modo, o debate em torno das críticas à tradição marxista no Serviço Social brasileiro não se restringe a uma controvérsia teórica, mas expressa uma disputa mais ampla em torno do projeto profissional, de sua orientação ético-política e de seu compromisso histórico com a emancipação da classe trabalhadora.

Cantalice (2016), ao expor sobre a articulação da ideologia pós-moderna no interior do Serviço Social, enfatiza que a hegemonia teórico-política da profissão (alicerçada pelas elaborações de tradição marxista) será questionada nos anos 1990, num cenário político, econômico e sociocultural regressivo. Um dos questionamentos evidenciados pela autora diz respeito à pujança do pensamento pós-moderno no conjunto das Ciências Sociais e Humanas no meio acadêmico, “cujo tom do debate se firma entorno da desqualificação da razão, do esvaziamento da dimensão ontológica do real e da impugnação do humanismo, da dialética, da totalidade da história” (Cantalice, 2016, p. 247). Retoma o que foi explicado por Netto e Soares sobre a aliança entre as tendências conservadoras da profissão e o neoconservadorismo pós-moderno. A autora apresenta sua preocupação com a constatação de que elementos estruturadores da ideologia pós-moderna estão sendo incorporados na produção do conhecimento em Serviço Social, seja de forma indiscriminada quanto consciente dos/as autores/as. Explica que parte dessas produções apresentam-se por meio de imprecisão ou inconsistência teórico-metodológica acerca das narrativas teóricas e seus respectivos métodos. Quando conscientes são justificadas em favor do ecletismo ora do relativismo metodológico.

Silveira Júnior (2016) ao discorrer sobre as implicações da influência pós-moderna no Serviço Social destaca dois aspectos; o primeiro seria o empobrecimento teórico-metodológico e ético-político da prática profissional vinculada ao projeto ético-político; o segundo é a maior imantação dos posicionamentos individualizantes e despolitizantes. No quadro de crise capitalista essas implicações cooperam para “rearranjar as bases da legitimação profissional em



favor das classes e segmentos empregadores, em última instância robustecendo o campo da supremacia burguesa da fase restauracionista” (Silveira Júnior, 2016, p. 179). Para o autor, “os postulados pós-modernos têm, primordialmente, fornecido combustível, não para subsidiar como requisita o projeto ético-político – o protagonismo e a auto-organização dos subalternos, mas para corroborar as estratégias de hegemonia restaurados em face da crise, endossadas pela superestrutura da reação burguesa que parametram as políticas sociais” (Silveira Junior, 2016, p. 181). Lima (2022) ao tecer críticas ao pensamento pós-moderno e sua influência na profissão de Serviço Social afirma que

ao alastrar-se nas escolas de Serviço Social e trazer consigo a reflexão imprecisa de uma realidade cada vez mais complexa, e que exige pesquisa e elaboração cada vez mais precisas do tempo presente, contribui fortemente para a ascensão de um profissional de perspectiva imediatista, desconectado do universal, arremido à análise econômica de maior profundidade, preso à epiderme das origens das expressões da questão social, mas distante de sua investigação mais universal, totalizante, que exige elaborações mais complexificadas e desprovidas da influência do espírito do tempo que impõe uma perspectiva de abandono das utopias, sobretudo se vinculadas a um projeto de transformação da realidade que lhe é dada imediatamente (Lima, 2022, p 248).

As apreensões apresentadas pelos/as autores/as nos levam a dirigir a análise sob um ponto argumentativo crucial: *considerar que a influência do pensamento pós-moderno no trabalho dos/as assistentes sociais não se dá de forma imediata, direta e instantânea.*

O Serviço Social é uma profissão de natureza interventiva que precisa dar respostas frente às demandas e às requisições postas aos profissionais. Respostas que são elaboradas individual e coletivamente e que são permeadas pelos dispostos éticos e políticos afirmados coletivamente pela categoria profissional e pelo aparato técnico-normativo e jurídico; pelos tensionamentos, exigências e imperativos oriundos do mercado de trabalho, das instituições em que desenvolve ou estabelece relações no seu trabalho, dos mais variados posicionamentos do conjunto de profissionais de outras áreas que estão circunscritos nas áreas e políticas sociais em que o trabalho se realiza; pela formatação das políticas sociais gerenciadas pelo Estado burguês; pelas forças políticas que integram a sociedade que rebatem na organização e desenvolvimento das respostas do Estado nas manifestações das contradições sociais do modo de produção capitalista. Sobre essa exposição, muitas contribuições estão disponíveis no acervo da produção do conhecimento da área, com destaque para as de Netto e Iamamoto.

Ao examinar a formação em Serviço Social, a partir da análise de conteúdos programáticos expressos em planos e programas de disciplinas, Fonseca (2016b) demonstra que a materialização do projeto formativo se dá em um campo de tensões, no qual se expressa a disputa pela direção social da profissão e pelos rumos assumidos pelos processos de formação. Essa disputa evidencia o embate entre uma orientação crítica, fundamentada na tradição marxiana, e perspectivas conservadoras que se atualizam por meio do ideário pós-moderno. Em sua crítica, evidencia-se a influência de perspectivas teórico-metodológicas que, ao privilegiarem a fragmentação, o ecletismo e o pragmatismo, contribuem para a diluição da base crítica e histórica da formação profissional, configurando tendências que podem ser associadas ao



pensamento pós-moderno. Dentre os seus achados estão “[...]tendências relacionadas a uma apreensão sincrética dos fenômenos sociais e ao ecletismo teórico[...] (Fonseca, 2016b, p.199). Diante disso, conclui que:

Trata-se de uma direção que se articula ao conservadorismo, reatualizado pelo ideário pós-moderno, respaldado na atual dinâmica cotidiana do capitalismo, caracterizada pela fragmentação (responsável pela reafirmação do sincretismo da problemática social e, conseqüentemente, pela sua reposição intelectual, que se manifesta no ecletismo teórico), pela dinâmica efêmera e simbólica dos processos sociais, pela mercantilização da vida social, pela manipulação e pelo controle dos espaços públicos e privados, etc. Características que demandam um tipo de conhecimento que as justifique através da sua naturalização, possível tão somente pela incorporação de vertentes teóricas não comprometidas com a desmistificação da realidade social (Fonseca, 2016b, p.199).

Assim, a autora conclui que o tensionamento entre os diferentes projetos se articula e se reforça nas escolhas teóricas e políticas dos sujeitos, as quais não são neutras, mas expressam, em última instância, a própria disputa entre projetos de classe (Fonseca, 2016, p. 200).

Em Alves (2024), a investigação se orienta pelo propósito de analisar e problematizar as repercussões da ideologia pós-moderna no Serviço Social brasileiro, tomando como mediação privilegiada o trabalho docente desenvolvido em instituições privadas de ensino superior. A autora parte da compreensão de que o espaço da formação profissional não é neutro, mas atravessado por disputas ideológicas que incidem diretamente sobre o modo como se ensina, se aprende e se produz conhecimento no interior da profissão. Em suas análises, a autora supracitada identifica que discursos e práticas vinculados ao pensamento pós-moderno influenciam o trabalho docente, especialmente nas instituições privadas de ensino, ao incentivar abordagens fragmentárias, relativistas e pragmáticas. Em um cenário marcado pela expansão do ensino superior privado no Brasil, da intensificação da mercantilização da educação e da incorporação acelerada das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), especialmente no período recente marcado pela pandemia da Covid-19. É nesse terreno instável, no qual o trabalho docente se precariza e a formação profissional se tensiona, que a autora localiza a difusão da ideologia pós-moderna como um elemento constitutivo das transformações em curso. Vale destacar que tais influências ultrapassam o âmbito do exercício profissional e incidem sobre os próprios fundamentos do Projeto Ético-Político (PEP), evidenciando a capacidade de capilarização da ideologia pós-moderna e seu potencial de comprometimento das bases críticas da profissão.

Dessa forma, como sintetiza Alves (2024, p. 451), “[a] influência pós-moderna no Serviço Social pode se manifestar como uma visão de mundo ou uma atmosfera que impacta a interpretação e ou/a intervenção da/na realidade social [...]”, contribuindo para o enfraquecimento da apreensão crítica da totalidade social e para a diluição do horizonte emancipatório historicamente construído pela profissão.

Nesse mesmo caminho, Nascimento (2025) observa que a pós-modernidade, entendida como ideologia cultural do capitalismo tardio, repercute de forma direta no Serviço Social, cuja base está vinculada à compreensão da totalidade social e da reprodução das relações sociais.



O Serviço Social não está imune às influências das correntes pós-modernas e ao retorno do conservadorismo para a profissão, uma vez que a abordagem pós-moderna se distancia da compreensão profunda dos fundamentos das expressões da Questão Social, o que representa uma problemática para o Serviço Social, especialmente considerando que seu projeto ético-político se baseia no combate constante ao conservadorismo e na defesa intransigente de uma nova ordem societária (Nascimento, 2025, p.297).

Como resultado dessa imbricação, a autora adverte para o risco de fragilização da atuação profissional e de um progressivo afastamento das bases que sustentam o Projeto Ético-Político do Serviço Social. Sem deixar de fora de suas análises, a apropriação dos movimentos sociais e das lutas anti opressão pelo identitarismo, impulsionada por correntes pós-modernas, que tem se configurado como uma estratégia do capitalismo para fragmentar as lutas sociais e “enfraquecer a organização de uma esquerda e de uma classe trabalhadora capaz de enfrentar o neoliberalismo” (Nascimento, 2025, p.298).

Ao longo dos textos analisados, observa-se de maneira frequente que a influência do pensamento pós-moderno no Serviço Social se associa a um ressurgimento de tendências conservadoras na profissão. Entretanto, essa conexão não se dá de forma accidental, mas como efeito das próprias premissas pós-modernas, que valorizam a fragmentação, o relativismo e o ecletismo, enfraquecendo a historicidade e a coerência do projeto ético-político profissional. Nesse sentido, a influência do pensamento pós-moderno consiste em não apenas questionar “metanarrativas” e categorias presentes na profissão, mas, paradoxalmente, contribui para legitimar perspectivas que se alinham à manutenção da ordem social vigente, à despolitização da atuação e à dispersão das lutas coletivas, deslocando o foco da emancipação humana para soluções pragmáticas ou individuais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resguardadas as diferenças explicativas decorrentes dos objetivos específicos a que cada texto se propõe, é possível identificar elementos convergentes na crítica ao pensamento pós-moderno e suas implicações para o Serviço Social. Buscamos evidenciar os aspectos mais enfatizados no conjunto dos textos, sem ter a pretensão de esgotar o debate e nem minuciar as discussões construídas pelos/as autores/as.

De modo sintético, o pensamento pós-moderno pode ser caracterizado como um campo teórico heterogêneo, desprovido de unidade conceitual e sistematicidade, o que dificulta sua apreensão crítica e favorece abordagens fragmentárias. Seu núcleo constitutivo assenta-se na crítica à modernidade e à razão moderna, especialmente à confiança na racionalidade, na possibilidade de conhecimento objetivo da realidade e nos projetos emancipatórios fundados em categorias universalizantes. Nesse movimento, o pensamento pós-moderno rejeita a noção de totalidade e os chamados metarrelatos, colocando sob dúvida as explicações histórico-estruturais da sociedade e privilegiando o fragmento, o imediato, a contingência e a experiência subjetiva.

Essa inflexão teórica expressa um relativismo epistemológico marcado pelo ceticismo em



relação à verdade e à objetividade do conhecimento, deslocando o debate do plano das determinações sociais para o âmbito do particular e do individual. Tais características não emergem de forma descolada da realidade histórica, mas se vinculam diretamente às transformações do capitalismo a partir da década de 1970, em um contexto de crise estrutural, reestruturação produtiva e hegemonia neoliberal. Longe de representar uma ruptura com a ordem capitalista, o pensamento pós-moderno se conforma como sua lógica cultural e ideológica, funcional à reprodução do capital e à manutenção da hegemonia burguesa.

Uma das consequências observáveis desse pensamento é o enfraquecimento dos projetos coletivos e da centralidade da luta de classes, uma vez que a fragmentação das análises e das práticas sociais contribui para a despolitização das lutas e para a diluição das mediações estruturais do capitalismo. Nesse terreno, o pensamento pós-moderno apresenta afinidades com o identitarismo, ao dissociar opressões e demandas particulares de suas determinações de classe, favorecendo processos de reificação subsumindo interesses coletivos por aspirações individualizadas.

A partir das análises apresentadas, torna-se evidente que a influência do pensamento pós-moderno no Serviço Social configura um desafio tanto epistemológico quanto ético-político. Essa influência se manifesta de maneira difusa, permeando os fundamentos da profissão, a formação acadêmica, o ensino, a docência, as instituições e o trabalho profissional. Quando não é acompanhada de uma postura crítica, tende a favorecer abordagens pragmáticas, promover o ecletismo teórico e conduzir à despolitização da atuação profissional, comprometendo assim a historicidade e o compromisso emancipatório historicamente presente na profissão. Nesse contexto, os textos apontam para o risco iminente de fragmentação do conhecimento, de diluição do projeto ético-político e de enfraquecimento da análise baseada na perspectiva da totalidade social.

Portanto, o desafio colocado à profissão é reconhecer, compreender e combater as bases de qualquer perspectiva conservadora e acrítica que ameace os fundamentos da profissão, preservando o compromisso histórico, ético e político do Serviço Social com a análise da totalidade social, com a emancipação das classes subalternizadas e com a construção de respostas coletivas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Yashmin Michelle Ribeiro de; MARINHO, Cristiane Maria. Pensamento pós-moderno e formação profissional em Serviço Social. **Temporalis**, Brasília (DF), v. 16, n. 31, p. 219-236, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/12313/10106>. Acesso em: 24 jan. 2026.

ALVES, Tahiana Meneses. Serviço Social, ideologia pós-moderna e trabalho docente em instituições privadas de ensino. **Temporalis**, Brasília, v. 24, n. 48, p. 438-453, 2024. Disponível em: <https://www.publicacoes.ufes.br/temporalis/article/view/46089>. Acesso em: 18 jan. 2026.

CANTALICE, Luciana Batista de Oliveira. Neoconservadorismo na produção do conhecimento



em Serviço Social: tensões entre o pós-moderno e o projeto profissional. **Temporalis**, Brasília, n.16, n.32, jul/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/14199/pdf>. Acesso em: 05 jan. 2026.

FONSECA, Cleomar Campos da. O projeto de formação do Serviço Social e as inflexões do pensamento pós-moderno. **Temporalis**, Brasília, v. 16, n. 31, p. 167-188, 2016a. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/12254/10123>. Acesso em: 24 jan. 2026.

FONSECA, Cleomar Campos da. A formação em Serviço Social: conteúdos programáticos e suas tendências teórico-metodológicas. **Temporalis**, Brasília (DF), v. 16, n. 32, p. 183-203, 2016b. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/14181/10123>. Acesso em: 24 jan. 2026.

LIMA, Cristiana Costa. Desafios da formação profissional em Serviço Social em tempos de conservadorismo reacionário. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 22, n. 44, jul/dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/39068/26197>. Acesso em: 04 jan. 2026.

NASCIMENTO, Karla Queiroz do. A armadilha neoliberal do identitarismo: desafios à esquerda e ao Serviço Social. **Temporalis**, Brasília, v. 25, n. 49, p. 285–302, jun. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/47782>. Acesso em: 20 jan. 2026.

NETTO, José Paulo Netto. Transformações societárias e Serviço Social – notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**, Ano XVII, nº 50, abril de 1996.

SILVA, Blsмарck Oliveira da; OLIVEIRA, Maria Tereza. O pensamento pós-moderno e os desafios contemporâneos ao projeto ético-político do Serviço Social. **Temporalis**, Brasília, ano 18, n. 36, p. 65-93, jul/dez, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/19879/pdf>. Acesso em 05 jan. 2026.

SILVEIRA JÚNIOR, Adilson Aquino. A cultura pós-moderna no Serviço Social em tempos de crise. **Temporalis**, Brasília (DF), v. 16, n. 31, p. 167-188, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/11835/10105>. Acesso em: 24 jan. 2026.